

A MISSÃO DE BENTO XVI

A exemplo do que aconteceu com João Paulo II, a Igreja Católica espera que a viagem do papa Bento XVI ao Brasil, com chegada prevista para quarta-feira, seja capaz de frear a migração de fiéis para outras religiões e, se possível, reconquistar parte do rebanho. Nos últimos 10 anos, mais de 15 milhões de brasileiros trocaram a tradicional missa pelos cultos dos pastores.

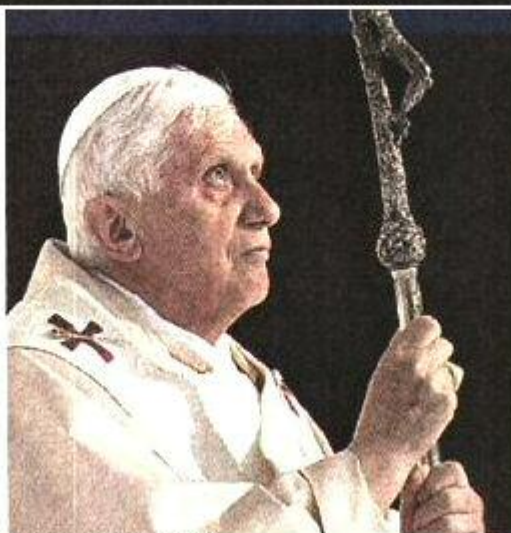
TEMA DO DIA, PÁGINA 12

CONHEÇA O ROTEIRO DO PAPA EM SÃO PAULO E APARECIDA

TEMA DO DIA, PÁGINA 13

VISITA AO BRASIL ESQUENTA VENDA DE LIVROS, CDs E DVDs

CADERNO C, CAPA



Tony Gentile/Reuters - 21/4/07

AO ENCONTRO DOS FIÉIS

ULLISSES CAMPBELL

DA EQUIPE DO CORREIO

Avinda do papa Bento XVI ao Brasil não ficará restrita a uma agenda de missas e à canonização do primeiro santo nascido no país. A Igreja Católica vê na presença do sumo pontífice uma estratégia para enfrentar o maior desafio da instituição: recuperar os fiéis que migraram para outras religiões ao longo dos últimos anos. Apesar de recente pesquisa da Fundação Getúlio Vargas (FGV) mostrar que houve uma redução na migração de católicos para outras religiões, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) ainda está preocupada. Um estudo encomendado no ano passado pela entidade revela que, nos últimos 10 anos, 15,2 milhões de fiéis trocaram a missa do padre pelo culto evangélico em todo país. A visita do papa ao Brasil, na avaliação de especialistas, é fundamental para recuperar as ovelhas desgarradas.

A pesquisa da CNBB aponta que 52% dos fiéis que saíram da Igreja Católica e migraram para a Igreja Universal do Reino de Deus e para a Assembléia de Deus, duas das agremiações evangélicas com maior penetração do

país. Segundo o professor de história da religião da Pontifícia Universidade Católica (PUC) Paulo Fernando Carneiro, a fuga de católicos para outras religiões pode ser resumida em um único motivo: com o passar do tempo, os padres se distanciaram dos fiéis. "Tem paróquia que o padre só atende com hora marcada. Já o pastor, toma café na casa dos fiéis e convida as pessoas para acompanharem os cultos", compara.

Para vencer o desafio de reconquistar os fiéis que mudaram de religião, a Igreja Católica terá que enfrentar outro problema crucial, principalmente no interior da Amazônia e do Nordeste: a falta de padres. Pelo menos 1,2 mil igrejas estão sem sacerdote para rezar missas e realizar batizados em todo o país. Trinta por cento das igrejas sem sacerdote estão em lugares distantes da Região Norte.

Como não se forma um padre do dia para a noite, o problema não pode ser resolvido a curto prazo. É justamente nessas regiões mais distantes que os pastores evangélicos avançam e ganham terreno. "Nos lugares mais ermos, os pastores atuam fazendo promessas de cura de toda ordem, inclusive de problemas de saúde e financeiro. A Igreja Católica não atua assim", critica o presidente da CNBB, dom Geraldo Majella Agnelo.

Disputa

Para o professor de teologia da Universidade de Campinas (Unicamp), Ronaldo Menezes, a visita do papa ao Brasil vai resgatar parte dos fiéis católicos. Mas ele ressalta que, se a igreja não resolver o problema da falta de padres, os evangélicos continuarão ganhando força. "Quem procura uma religião quer ser atendido, recebido. Nesse quesito, o padre está distante do fiel, enquanto o pastor está ali ao lado, independentemente do tipo de credo", observa.

Em recente entrevista ao *Correio*, dom Geraldo Majella Agnello chegou a desdenhar a perda de fiéis católicos para outras religiões. "Os fiéis que saíram da nossa igreja não têm informação nem formação religiosa suficiente para ficar conosco. Sem essa adesão de fé, não se conhece o Evangelho e a Cristo Nosso Senhor", disse.

Nas grandes metrópoles, segundo o historiador Eduardo Cavalcanti, da Universidade de São Paulo (USP), a perda de fiéis para outras religiões tem como causa a questão financeira. "A única esportula da Igreja Católica que é de graça é a missa. O batizado, o casamento e até uma simples citação durante uma cerimônia são cobrados. E não é barato. Tem paróquia que cobra R\$ 50 um batizado e esse dinheiro faz falta no orçamento da classe média. O católico que já paga o dízimo, por exemplo, reclama", comenta o professor. Ele tem dois livros publicados sobre os gastos dos católicos com a sustentação da própria fé.

Uma das estratégias da Igreja Católica para recuperar os fiéis durante a visita do papa é investir na corrente carismática, a ala menos conservadora da instituição. Para atrair o máximo de espectadores, por exemplo, a CNBB escalou os dois padres mais populares do Brasil: Jonas Abib e Padre Marcelo. Eles farão shows no encerramento da vigília no Campo de Marte, na próxima sexta-feira. As apresentações ocorrerão uma hora antes da missa celebrada por Bento XVI. "O novo papa não tem o carisma de João Paulo II. Dificilmente haverá comoção. A presença dos padres populares é uma forma de atrair o maior número possível de fiéis", ressalta o professor Ronaldo Menezes.

VISITA PODE PROVOCAR PROTESTOS

Outro grande desafio da Igreja Católica no Brasil é superar as polêmicas que dividem a opinião dos fiéis. Para especialistas em religião, o posicionamento da CNBB sobre temas espinhosos como aborto, uso de camisinha, casamento gay e uso de células-tronco deverá ser evitado durante a visita do papa Bento XVI. "Todo mundo já conhece a posição da Igreja. Qualquer discussão com a presença do papa no Brasil será negativa porque atrain-

rá protestos", analisa o ex-padre e professor da Universidade Católica de Brasília Evandro Callandrini.

Pelo menos duas entidades feministas estão prontas para protestar contra qualquer manifestação religiosa do papa a respeito do aborto. A Rede Católicas pelo Direito de Decidir recrutou, em São Paulo, 300 feministas para a missa campal que o sumo pontífice fará no Pacaembu nesta quinta-feira. As manifestantes marcarão presença ainda na cerimônia de canonização de Frei Galvão, que ocorrerá no dia seguinte. "A rigor, vamos ouvir o papa como católicas. Mas estamos preparadas para fazer protestos", avisa a feminista Luciana Mokazel.

Grupos gays de vários estados também preparam manifestações durante a visita do cardeal Joseph Ratzinger. Um dos mani-

festos prevê até a queima de retratos do papa em praça pública. Em Recife, os protestos começarão amanhã, com um grupo colocando fogo em um boneco do pontífice. Os ânimos entre Igreja Católica e a comunidade GLBT (gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais) ficaram acirrados porque, recentemente, o papa condenou o homossexualismo e criticou o reconhecimento ao direito do casamento entre pessoas do mesmo sexo.

Em março, até o presidente Luiz Inácio Lula da Silva enfrentou a CNBB. Em discurso inflamado sobre a campanha de distribuição de preservativos para adolescentes, Lula defendeu o fim "da hipocrisia" e fez duras críticas ao posicionamento da Igreja sobre sexo. "No próximo Dia Internacional da Mulher, vamos fazer o dia da hipocrisia. Hipocrisia porque muitas vezes deixamos

de debater os temas da forma verdadeira, como tem que ser debatido, por puro preconceito", disse o presidente. Lula tem audiência marcada com Bento XVI.

Para o professor Evandro Callandrini, dificilmente a Igreja Católica mudará de opinião sobre temas polêmicos porque é justamente esse posicionamento firme que mantém como fiéis as pessoas que são contra o aborto e casamento gay. "A convicção da Igreja é uma orientação do Vaticano. Conheço padres que são a favor do aborto em casos de fetos anencefálicos, mas que são obrigados a se calar", afirma. "Nunca aceitaremos aborto. Diria que até aceitaríamos cirurgias com células tronco, mas só depois de muita discussão. Isso porque acho que a Ciência deve seguir adiante", diz o presidente da CNBB, dom Geraldo Majella. (UC)

OS CAMINHOS DE BENTO XVI

DA REDAÇÃO

Foram quase seis meses de preparativos e de muita expectativa desde que, em outubro do ano passado, o Vaticano confirmou a viagem do papa Bento XVI ao Brasil. Na próxima quarta-feira, Joseph Ratzinger desembarcará pela primeira vez no maior país católico do mundo para uma visita de quatro dias, quase uma década após a última visita de seu antecessor, o papa João Paulo II, que esteve aqui três vezes e morreu em abril de 2005.

Apesar do forte esquema de segurança, os brasileiros terão diversas oportunidades para ver de perto o papa Bento XVI. A primeira será logo na chegada dele ao Mosteiro de São Bento, em São Paulo, onde o papa ficará hospedado. No final da tarde, o sumo pontífice fará

uma saudação e dará bênção ao povo da sacada do mosteiro.

Oficialmente, Bento XVI vem ao Brasil para a abertura oficial da 5ª Conferência Geral dos Bispos da América Latina e Caribe. Mas a visita do sumo pontífice significa muito mais do que isso para os 139,2 milhões de católicos brasileiros. O papa tornará santo Frei Galvão, o primeiro genuinamente brasileiro.

Ao contrário de João Paulo II, que na primeira viagem ao Brasil percorreu mais de 30 mil quilômetros em 12 dias, Bento XVI adotará um roteiro bem mais simples. Ele ficará apenas em São Paulo. Ainda assim cumprirá uma agenda intensa. Durante a passagem pelo Brasil, o papa conduzirá duas missas campais, receberá o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e visitará uma casa de recuperação para dependentes químicos.



VEJA O ROTEIRO DO PONTÍFICE EM SÃO PAULO

Oficialmente, o Papa Bento XVI vem ao Brasil para abrir a 5ª Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe. Ele aproveitará a visita para canonizar Frei Galvão, o primeiro santo genuinamente brasileiro.



Papamóvel



Um helicóptero usado pelo papa

1 Sua Santidade pisa em solo brasileiro às 16h30 da quarta-feira, 9 de maio. Ele desembarcará na **Base Aérea** de São Paulo, em Guarulhos. No aeroporto militar, Bento XVI será recebido pelo arcebispo de São Paulo, Dom Odilo Scherer. Haverá uma cerimônia religiosa de boas-vindas.

2 Do aeroporto militar, o papa segue em carro fechado para o Aeródromo do Campo de Marte. Sua chegada está prevista para as 18h.

3 De lá, Bento XVI segue de papamóvel para o Mosteiro de São Bento, onde ficará hospedado.

4 No Mosteiro de São Bento, às 18h45, o papa fará a primeira saudação pública. Em seguida, o pontífice descansa e só retoma a agenda no dia seguinte.

5 Às 8h horas da quinta-feira (10), Bento XVI participa de uma missa reservada na Capela do Mosteiro de São Bento.

6 Em carro fechado, às 11h, Bento XVI segue do mosteiro para o **Palácio dos Bandeirantes**, sede do governo de São Paulo. Às 11h30, ele recebe a visita do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

7 Após a visita de Lula, o papa volta em carro fechado para o Mosteiro de São Bento, onde almoça com o presidente e membros da CNBB. À tarde, o pontífice descansa e despacha por telefone.

8 No final da tarde, Bento XVI segue para o Estádio do Pacaembu, onde terá encontro com jovens carismáticos. Essa será uma das maiores aparições do sumo pontífice no Brasil.

9 Na sexta-feira (11), às 9h30, Bento XVI realiza a missa campal no Aeródromo Campo de Marte para canonizar o beato Antônio de Sant'ana Galvão, o Frei Galvão. Essa é a parte mais esperada da visita do papa ao Brasil.

10 Às 16h, Bento XVI terá mais um encontro com os bispos do Brasil. Dessa vez será na Catedral da Sé. Às 18h, ele parte de helicóptero para Aparecida. Às 19h, de papamóvel, o pontífice parte para o Seminário Bom Jesus. Logo em seguida, ele janta e descansa até o dia seguinte.

11 No sábado (12), Bento XVI participa de uma missa reservada na Capela do Seminário Bom Jesus às 8h. Às 10h30, o papa visita a Fazenda da Esperança, em Guaratinguetá. A fazenda é mantida por alemães e trata jovens carentes dependentes de drogas.

12 Ao meio-dia do sábado, o papa almoça com a presidência da 5ª Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe, no Seminário Bom Jesus, em Aparecida. Em seguida, ele vai para um encontro com sacerdotes religiosos, seminaristas e diáconos, no Santuário de Aparecida.

13 No domingo (13), último dia da visita ao Brasil, Bento XVI realiza a missa campal de inauguração da 5ª Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe, no pátio externo do Santuário de Aparecida. Esse será o maior encontro com os fiéis brasileiros.

14 Às 16h, o papa participa da abertura da 5ª Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe, na sala de Conferências do Santuário de Aparecida. Em seguida, ele vai de helicóptero para São Paulo. Às 19h40, faz uma cerimônia de despedida na Base Aérea de Guarulhos e, às 20h15, parte para Roma.

Palácio dos Bandeirantes



Brasão do Papa Bento XVI

ABERTO AO DIÁLOGO

GILBERTO NASCIMENTO

DA EQUIPE DO CORREIO

São Paulo – Moderado politicamente e com bom trânsito entre os chamados conservadores e progressistas da Igreja Católica, dom Geraldo Lyrio Rocha, 65 anos, arcebispo nomeado de Mariana (MG), foi eleito presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) na última quinta-feira, com 92,4% dos 276 votos válidos. Para a maioria dos bispos, um nome sob medida para comandar a entidade num momento de transição da Igreja Católica no Brasil.

Antes mais contestadora e agora mais moderada, a CNBB se

mantém bastante afinada com as posições da Cúria Romana. Não tem abdicado, porém, de suas críticas a problemas sociais no país, como a fome, a miséria, a falta de moradia e de educação adequada para as camadas mais pobres da população.

Dom Geraldo, em entrevista ao *Correio*, garante que essa linha de ação da CNBB não vai mudar. "A Igreja deve ser porta-voz de todos aqueles que não têm como se fazer ouvir na sociedade", anuncia. A relação com o governo também continuará sendo a mesma, assegura. "(Será) uma relação respeitosa, de diálogo, mas que preserva a autonomia da Igreja e sua total liberdade para discor-

dar quando tiver de discordar."

Atual vice-presidente do Conselho Episcopal Latino-americano (Celam) e responsável pela área de liturgia na CNBB durante nove anos, dom Geraldo, que era arcebispo em Vitória da Conquista (BA), rejeita o rótulo de moderado ou progressista e afirma que, à frente da entidade, estará sim "aberto ao diálogo com todos". Um dos seus objetivos é iniciar o processo de beatificação de dom Luciano Mendes de Almeida, arcebispo de Mariana e ex-presidente da CNBB, morto em agosto de 2006. Dom Geraldo toma posse na próxima quarta-feira na CNBB e na arquidiocese de Mariana no dia 23 de junho.

O senhor iniciará o processo de beatificação de dom Luciano?

Se for possível, isso será para mim uma grande graça. Dom Luciano já é venerado pelo povo na diocese de Mariana e em muitas partes do Brasil por pessoas que o conheceram de perto e admiraram sobretudo as suas virtudes. De modo especial a sua caridade e a disponibilidade para servir a todos, especialmente aos pobres. No entanto, tudo isso deve ser feito de acordo com as normas em vigor da Igreja. Também há um outro bispo de Mariana cujo processo de beatificação já foi introduzido por dom Luciano. Trata-se de dom Antonio Viçoso (bispo no século 19).

A CNBB vai manter a mesma linha de ação?

Eu pretendo como presidente dar continuidade à grande e bela tradição da CNBB de manter uma atuação integrada, com muita unidade do episcopado em torno das grandes questões que dizem respeito à vida da própria Igreja e à sociedade brasileira, sobre as quais ela tem de dar a sua palavra. E dando sua voz, sobretudo, para aqueles que na nossa sociedade não têm voz. A Igreja deve ser porta-voz de todos os que não têm como se fazer ouvir. E seguindo os passos de Jesus, a Igreja deve se posicionar sempre a serviço de todos, sobretudo dos que sofrem, dos que estão caídos à beira do caminho e não têm os direitos respeitados. Numa palavra só: os excluídos de nossa sociedade. Ao longo de sua história, a CNBB tem se posicionado sempre na defesa dos direitos humanos, na defesa da vida e se empenhado para que haja um exercício pleno da cidadania. Isso naturalmente sempre dentro daquilo que é específico da missão da Igreja e mantendo o sentido de comunhão episcopal e de comunhão com a fé apostólica.

Como será a relação da CNBB com o governo?

Será como sido até agora: uma relação respeitosa, de diálogo, mas que preserva a autonomia da Igreja e sua total liberdade para discordar quando tiver de discordar. Sobre tudo diante das questões que dizem respeito aos valores éticos, entre eles os valores que se referem à vida e à família.

mantém bastante afinada com as posições da Cúria Romana. Não tem abdicado, porém, de suas críticas a problemas sociais no país, como a fome, a miséria, a falta de moradia e de educação adequada para as camadas mais pobres da população.

Dom Geraldo, em entrevista ao Correio, garante que essa linha de ação da CNBB não vai mudar. "A Igreja deve ser porta-voz de todos aqueles que não têm como se fazer ouvir na sociedade", anuncia. A relação com o governo também continuará sendo a mesma, assegura. "(Será) uma relação respeitosa, de diálogo, mas que preserva a autonomia da Igreja e sua total liberdade para discor-

A CNBB continuará apontando o que considera problemas e injustiças na sociedade?

A CNBB sempre tem procurado reconhecer os pontos ganhos e os avanços que, graças a Deus, nós vamos constatando na vida nacional. Mas também tem criticado e denunciado aquilo que não está de acordo com os valores éticos, com o Evangelho de Jesus Cristo, e que não corresponde aos critérios do bem comum. Eles devem sempre reger as decisões políticas e determinar, inclusive, as iniciativas e ações que o Poder Público deve desenvolver. Isso porque o bem comum está acima de interesses de pessoas ou de grupos.

A fome é um dos problemas a ser combatido?

Não obstante os avanços feitos nas políticas sociais, nós constatamos que a pobreza, a miséria e a fome ainda marcam presença de maneira muito grande em nosso país. E a Igreja não pode ficar indiferente a essas situações. Essa pobreza crescente não é fruto do acaso. O papa João Paulo II em sua primeira visita à América Latina declarou que um dos maiores escândalos do mundo é que, na nossa região, os pobres estão cada vez mais pobres às custas dos ricos, cada vez mais ricos. Essa palavra pronunciada por João Paulo II, ainda no início do seu pontificado, infelizmente continua perfeitamente válida nos dias de hoje.

Houve crítica nos últimos anos a um excesso de politização do clero.

A CNBB teria se preocupado muito com a política?

A ação evangelizadora não é uma ação neutra. Mesmo que ela se enquadre dentro da órbita do religioso, tem sua forte incidência no nível político, social, econômico e cultural. E se não tiver essa incidência, deixa de ser uma ação evangelizadora. Portanto, esta posição que a Igreja no Brasil tem assumido, sobretudo por meio da CNBB, de voltar-se para as grandes questões sociais, com todas essas implicações, faz parte da própria missão da Igreja. A CNBB tem mantido essa posição. Basta verificar as declarações da presidência, as notas e mensagens do Conselho Permanente, o texto das diretrizes da ação evan-

dar quando tiver de discordar."

Atual vice-presidente do Conselho Episcopal Latino-americano (Celam) e responsável pela área de liturgia na CNBB durante nove anos, dom Geraldo, que era arcebispo em Vitória da Conquista (BA), rejeita o rótulo de moderado ou progressista e afirma que, à frente da entidade, estará sim "aberto ao diálogo com todos". Um dos seus objetivos é iniciar o processo de beatificação de dom Luciano Mendes de Almeida, arcebispo de Mariana e ex-presidente da CNBB, morto em agosto de 2006. Dom Geraldo toma posse na próxima quarta-feira na CNBB e na arquidiocese de Mariana no dia 23 de junho.

gelizadora no Brasil e os temas das Campanhas da Fraternidade. Tudo isso mostra que há uma continuidade. A mudança de presidência não significa mudança de rumo e de orientação. O órgão que define os rumos da Igreja no Brasil é a conferência, na sua expressão máxima, que é a assembléia geral.

O que o senhor acha da Teologia da Libertação?

Como dizem os próprios documentos da Igreja a esse respeito, ela tem o seu lado verdadeiro e autêntico, que deve ser preservado. É claro que no momento em que ela se encontrava em sua fase inicial de elaboração, algum teólogo pode ter radicalizado posições e que precisam ser reajustadas. O tempo vai passando, as coisas vão amadurecendo. E purificadas de certas posições mais extremistas que foram apontadas pelo magistério da Igreja em outras épocas, a Teologia da Libertação deve sempre estar presente e oferecer o seu grande serviço à Igreja. Não de maneira exclusiva, porque historicamente a Igreja sempre teve uma posição de abertura às várias correntes teológicas.

O senhor é tido como um moderado com bom trânsito entre progressistas e conservadores...

Essas catalogações têm um efeito interessante do ponto de vista de comunicação, mas às vezes trazem um certo limite. São rótulos que não podem abarcar a vida e a atuação de ninguém. Muito menos dos pastores da Igreja. Eu diria que a Igreja, em si mesma, também não se enquadraria em formulações dessa natureza. E a própria CNBB não se enquadraria em rotulações dessa ordem. Eu estou sim aberto ao diálogo com todos. Temos sempre de estar disponíveis para ouvir e permitir que as posições divergentes se expressem. Dialogar com todos não significa concordar com todos. Guardo muito uma palavra que foi repetida pelo papa João XXIII no Concílio Vaticano II. Quando ele lembrava um dos escritores antigos da Igreja: "Das coisas essenciais, que haja sempre unidade. Nas outras coisas, que haja liberdade. Mas que em tudo haja caridade". É por aí que eu me baseio para buscar manter sempre aberto o canal de diálogo com todos.

“A ação evangelizadora não é uma ação neutra. Mesmo que ela se enquadre dentro da órbita do religioso, tem sua forte incidência no nível político, social, econômico e cultural”

Marcio Fernandes/AE - 3/5/07

